

O Cunqueiro que me falou

The Cunqueiro who told me

César Morán

(Catedrático no ensino médio-Univ. da Corunha / cmoranfraga@gmail.com)

Data de recepción: 09/05/2021 – Data de aceptación: 09/11/2021

Tenho que agradecer a Xosé-Henrique Costas que contasse comigo para participar nas jornadas *Cunqueiro XL*. A ele e por estensión à Universidade de Vigo, cidade que sem querê-lo vai ser protagonista –ou vai ser o centro espacial– desta minha colaboración, pois foi aí, na rua Marqués de Valladares, onde tivem a sorte e a honra de entrevistar o homem que foi Álvaro Cunqueiro, a tarde do cinco de janeiro de 1981, véspera de Reis, cinquenta días antes da sua morte.

Não sei se o que digo será evidente para todo o mundo, mas devo confessar que essa conversa, esse tempo mágico, esse privilégio de conhecer pessoalmente o génio que tanto admirava e admiro, na sua própria casa, com todo o ambiente de familiaridade e singeleza, e ainda por riba poder gravar a entrevista em fita magnetofónica, foi uma das experiências mais maravilhosas da minha vida, e é algo que levo desde então na memória e levarei sem dúbida para sempre.

A respeito do dito vejo-me na obriga de matizar ou explicar algo: tendo em conta as circunstâncias, a época (1981), considero –e considerava– que poder gravar a entrevista era já um documento mui valioso, e era tanta a ansiedade e a necessidade que não pensei em mais nada. Digo isto porque há uns poucos anos, quando Víctor Freixanes me propuxo ré-publicar o texto da entrevista em *Grial*, estando ali reunidos na editora, falou-se de pôr uma foto minha com Cunqueiro, e claro, não tinha eu tal foto, e Xosé Manuel Soutullo dixo-me: «não tes uma foto com Cunqueiro?». E não a tinha. Eu fora desde a Corunha a Vigo em trem e levava um radio-cassete grande, Sanyo, daqueles que eram o furor naquel momento, trazido das Canárias. E foi boa cousa. Poderia ter ido acompanhado por alguém que nos fizesse a foto, e se fosse uns anos depois mesmo poderíamos gravar em vídeo. Mas foi como foi, e dou graças porque fosse possível.

De todo isto vão quarenta anos. Eu tinha naquela altura vinte e seis, com a minha estreada docência no instituto do Carvalhinho –o meu primeiro destino como professor–, e aproveitava o período de Nadal, já «in extremis», para entrevistar o que era também objeto da minha Tesinha de Licenciatura (*O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro*), que acabaria lendo no final desse curso na Faculdade de Filologia e que haveria de ser publicada máis tarde, em 1990, com algumas modificações.

Antes de relatar como foi a entrevista naquel espaço tão íntimo sinto a necessidade de revelar alguns detalhes, e de passo advertir de que a entrevista como tal está publicada, tanto o texto como o áudio, e talvez seria redundante que a contasse agora aqui outra vez: adianto que nem toda a conversa está publicada... e eu podó desvelar agora algumas cousas inéditas. O que a mim me movia,

inicialmente, era confirmar através da conversa com Cunqueiro elementos técnicos e temáticos sobre a obra do mindoniense, que eu tinha estudada com anterioridade, o que me provocara não só um enorme interesse e prazer estético, senão também uma fonda emotividade, um forte apaixonamento pola excelsa obra e polo seu criador. De facto, eu levava uma boa quantidade de fólhos escritos numa pasta que lhe deixei, e que ficaram com ele, pois, como se pode intuir, não o volvím ver nem me preocupei nunca mais por todo aquel material do que, certamente, tinha cópia. Podo engadir que, ao me despedir dele, combinamos para um segundo encontro nas férias de Entroido, o que infelizmente não se produziu ao falecer imediatamente antes, no sábado 28 de fevereiro.

Aquele cinco de janeiro cheguei a Vigo, falei com ele por telefone e já combinamos para as cinco na sua casa. Lembro agora o fermoso chamador da porta, que há pouco entregou o seu filho César para a Casa Museu de Mondonhede, e foi Carminha Cunqueiro, a irmá do escritor, quem me abriu a porta. E aqui é onde vou referir algo inédito: eu já conhecia Álvaro Cunqueiro.

E como é isso? Pois é que a minha família materna é de Mondonhede. Álvaro era amigo da familia, especialmente do meu tio Graciano –Gracianinho, também poeta e artista plástico– e do meu avô, secretário do julgado, que foi destituído do seu cargo durante a guerra civil, o que ocasionou que a minha família saísse de Mondonhede para nunca mais voltar. Pois bem, disto também falamos na última parte da entrevista, ainda que não está publicado. Nem figura no texto escrito nem no segundo CD de áudio que integra o meu livro-disco *Haberá Primavera*. Nalgum momento hei fazer pública essa parte da entrevista porque agora lhe vejo, por diversos motivos, mais interesse. Em todo o caso eu não lhe revelei esses dados de conhecimento prévio até despois de falar dos aspectos literários que me interessavam, e só ao final se produziu essa espécie de «anagnórise» que hoje me segue a parecer fermosa. Portanto Cunqueiro era um personagem conhecido na minha casa, do qual se falava a miúdo, sobretudo minha mãe e minha avó materna, e pola casa andavam os seus livros, entre eles uma primeira edição de *Mar ao norde* assinada por ele, exemplares da revista *Yunque*, por exemplo, e fotos e cadernos. E quando ganhou o prémio Nadal meu pai comprou um exemplar de *Un hombre que se parecía a Orestes*. Mas eu não dei em ler a sua obra até a Universidade.

Como dizia, foi Carminha que me abriu a porta e me orientou por um corredor à esquerda para o espaço onde se encontrava Álvaro. Não era um «estúdio de artista» nem um amplo salão senhorial. Era uma pequena sala com uma «mesa camilha» onde ele estava sentado. À direita um móvel com livros –entre os que me chama a atenção a tradução ao checo do *Orestes*– e à esquerda um radiador eléctrico, e ao fondo a claridade da tarde. Sempre digo que foi para mim um privilégio e um agasalho aquela experiência, pois para além da genialidade do escritor encontrei o homem, uma pessoa de uns traços humanos que me cautivaram desde o primeiro momento pola sua afabilidade e as suas luzes. Era como estar com um pai ou um parente próximo.

A primeira anedota aconteceu ao colocar o meu radiocassete. Mentres o acendia, Cunqueiro comentou que uns dias antes vinheram também a lhe fazer uma entrevista, com tão má sorte que ao final o aparelho não lhes gravara. Eu, ouvindo isso, já procurei não equivocar-me, e quando já premera no botão ele falou:

«–Eu não entendo nada de máquinas», dixo, e essas palavras ficaram gravadas na fita e é o primeiro que se escuita na gravação original. Andando o tempo, lembrando este episódio, sempre pensei que entrava num de tantos paradoxos de Cunqueiro, que por um lado não entendia de máquinas –igual que não sabia música– e por outro era capaz de escrever aquilo de «Eu nascin / –entre as zocas e os lóstregos / na metade da noite / corenta e sete días despois do primeiro aeroplano», ou mergulhar nos livros de Física do seu filho Álvaro para acadar a secção áurea e um sentido científico-matemático do universo, ou introducir pentagramas com música nas páginas dos seus livros.

Foi fascinante ver desde o primeiro momento que Cunqueiro falava como escribía. Eu lera havia pouco uma entrevista de Margarida Ledo intitulada «Cunqueiro, con un país ao fondo», e por aí levei a minha primeira pergunta. A sua resposta foi como un poema:

–O meu val, a minha casa, os aromas... de cando se cozia o pão... Agora venhem uns amigos meus de Mondonhede e traem-me una fogaça de pão, e ao pouco toda a casa cheira a aquel pão, e pra mim é como a Madalena de Proust... Então volve toda a infancia”. [...] Era un val que eu percorria constantemente... Eu saía de passeio co meu pai... Meu pai era farmacéutico, un bom botánico, ensinava-me o nome das ervas, o nome das árbores... Todo isto vai junguido ao vendaval, esse vento que ali muge como un boi [...] Sei a hora em que se miro para o bosque de Silva vão estar as avidueiras coas suas primeiras folhas, facendo isso que Noriega Varela chamava una ondeante mantelinha verde, e sei polas São Lucas no outono quando é a primeira vez que vai haver folhas amarelas e as vai traer o vento polas ruas da cidade. Todo isto, [em] toda esta paisagem concreta ou de Mondonhede, e em geral a de toda a Galiza, hai un certo grau de humidade e de verdor que a mim me parece indispensable para vivir.

Se una resposta como esta era já enormemente gratificante, para mim –leitor e estudioso apaixonado da obra cunqueiriana–, também o foi cada vez que confirmava algumas das minhas suspeitas ou intuicoes que nesse momento lhe propunha. Eu levava meses pensando que a transmutação imaginativa observada nos seus relatos poderia estar em relação, entre outras cousas, com a sua experiência surrealista dos poemários de vanguarda. Assim é que lhe pergunto de que jeito pode influir a etapa surrealista da sua poesia na obra em prosa posterior. E ele responde que sim, que tem que ter influído bastante...

–Nunca me fizeram esta pergunta, pero coido que tem interesse [...] Tem que ter influído... Decato-me de que alguns surrealistas ou pré-surrealistas como Guillermo Apollinaire..., Bréton, Aragon..., tiveram que influir un pouco na minha maneira de contar...

E o mesmo acontecia ao lhe falar da influência da narrativa oral, do humor conceptual galego ou das semelhanças com Castela, Risco, Fernández Flórez ou a influência do esperpento de Valle-Inclán n'*As crónicas do sochantre*.

E a propósito d'*As crónicas...* confesso que é um dos meus livros predilectos..., e tenho mitificada a passagem do rio Aulne: esse moço namorado que passa o rio montado em «percherón», o que mais tarde provocaria as palavras do fidalgo de Quelven: «Levam-se os mesmos olhos ao amor que à guerra». O caso é que num momento da entrevista pergunto a dom Álvaro se é certo que nunca estivera na Bretanha antes de escrever a novela, e ele responde que nunca:

–Eu conto n'*As Crónicas do sochantre* o vau do rio Aulne, e pensava num vau que hai no Masma, com trinta e três passos de pedra, etc., umas avidueiras, uns choupos e uns amieiros..., e quando cheguei ao Aulne fizem-me uma fotografia ali, e atopei-me que era exactamente igual como eu o tinha contado.

Pois resulta que hai uns anos –em 2006 creio– fum eu de viagem à Bretanha e dei em fazer a ruta d' *As Crónicas* tal como a tinha interiorizada. Comecei em Pontivy, subim a Quelven e seguim por Rostrenen até o bosque de Huelgoat até chegar ao rio Aulne. Queria ver o vau onde Cunqueiro se fotografara, e a surpresa foi maiúscula: cheguei a once lugares por onde se podia vadear o rio Aulne, lugares que eu fotografai, mas sem saber nunca qual deles era o que o escritor identificava com o que ele descrevera na obra. Eram todos e não era nengum. O único importante era a mente imaginativa do fabulador. Esse é Cunqueiro.

Outro momento interessante foi aquele em que eu, sabendo que tocava um terreno escorregadiço, falo-lhe da semelhança de procedimentos narrativos entre a sua literatura e a dos escritores hispano-americanos, segundo apontavam críticos como Sanz Villanueva, etc. E nesse momento Álvaro Cunqueiro corta o discurso e diz: «–Pero eu escrevim antes que eles».

E era certo, pois como também lhe lembrei, Garcia Sabell dixerá pouco antes em *El País* que *Merlín e familia* se adiantava a *Cien años de soledad* em transmutação imaginativa.

Todo isto serviu para que o escritor me revelasse umas fontes literárias daquela pouco conhecidas. Eram tempos de revelações. Um ano antes, já o professor Carvalho Calero me dixerá, com toda a razão do mundo, que Cunqueiro, em *El año del cometa*, desvelava ao leitor a sua técnica. Agora era o próprio mindoniense quem me revelaria as fontes irlandesas, bretoas e normandas, começando por Lord Dunsany:

–A minha influência era em certo modo Lord Dunsany com os *Contos de um sonhador* e os outros livros del... influiu bastante na minha maneira de ver as cousas e demais. Quero dizir, se hai uma influência de procedimento prévio, etc., é Lord Dunsany e não os hispano-americanos. São quicá os irlandeses do Abbey Theatre, Synge, Lady Augusta Gregory... e Lord Dunsany, que eu lim antes de que ninguém os lera neste país, o que mais ou menos me pudesse guiar ou levar, sim.

E eu sinto agora a necessidade de fazer aqui um comentário: estão fóra de dúvida as ingentes leituras de Cunqueiro, assim como a sua erudição disfarçada no seu ser natural e franco e as curiosidades literárias pouco comuns e pouco vulgares, mas interessa ressaltar a importância destas fontes atlânticas, célticas e demais..., onde predomina o elemento imaginativo e a desmesura, numa linha semelhante ao carácter nevoento e idealizado da «matéria de Bretanha» medieval –também de enorme influência no nosso autor– em contraste com a maior rigidez e objetividade dos «cantares de gesta» e a posterior literatura castelhana. Visto assim, o pretendido «realismo mágico» que alguns atribuíram a Cunqueiro não tinha por que bebê-lo nos narradores hispanoamericanos, pois tinha outras fontes onde beber, entre as que devemos incluir o seu próprio fluir melancólico e imaginativo e assim mesmo a idiosincrasia do povo galego.

Fóra disso, devo engadir algo mais ao comentário, ainda que pareça insólito. Lord Dunsany é um autor hoje bem conhecido dos leitores no nosso âmbito desde que foi difundida a sua obra na metade dos anos 80 em editoras como Siruela, na Biblioteca de Babel dirigida por Jorge Luis Borges. Porém, o irlandês foi esquecido e desconhecido durante décadas. Todos os livros que eu tenho dele são cinco anos posteriores à entrevista que nos ocupa. E ainda mais: quando eu iniciava os trabalhos sobre o nosso escritor, um catedrático de Universidade, cujo nome vou omitir, chegou a comentar-me se Lord Dunsany não seria um outro jogo de invenção de Cunqueiro (!!!).

E finalmente, não podó dar remate a estas palavras sem lembrar um personagem que também foi protagonista da entrevista. Na metade da conversa escuito uma voz, um homem que eu desconhecia e que vêm visitar o Álvaro Cunqueiro. O primeiro que escuito é uma voz que diz: «–Tem direito a dicir-me algo». Cunqueiro fai-no passar à sala, saúda-o e pede-lhe que sente. Tempo depois soubem que era o Elígio, bem conhecido em Vigo, o que tinha a famosa tasca na Travesia da Aurora, e que vinha visitar o seu amigo doente. Continuamos a entrevista e ele primeiramente guarda silêncio, mas logo vai intervindo conforme o diálogo se vai desenvolvendo. A sua presença tem interesse por vários motivos.

Ouvindo a gravação vemos que tem interesse linguístico, pois o Elígio pratica um tipo de diglossia provocada pola ocasião: a Álvaro Cunqueiro, com quem existe uma confiança e uma amizade, dirige-se normalmente em galego. A mim, ao contrário, e apesar de eu me expressar em galego de modo continuado, tende a falar-me em castelhano, pois para ele eu sou um jornalista ou alguém de fóra que vem entrevistar o escritor. Esse jogo diglósico vai dar por vezes num híbrido –isso que tendemos a chamar «castrapo»–, que bem podia ser objeto de uma análise sociolinguística.

Mas o interesse está também em que através das intervenções do Elígio conhecemos detalhes da personalidade humana de Cunqueiro, e igualmente da empatia popular da sua literatura. Ainda que está presente um tempo considerável, ele vai-se antes de findar a entrevista, que chega a durar uma hora

e vinte minutos. Elígio, mostrando todo o carinho para o seu admirado amigo, diz-lhe:

- Sigue así, Cunqueirinho, *que ese es el mundo que tú llevas dentro.*
- Xa seguir..., responde Cunqueiro.
- Como não vas seguir?
- Pouco queda.
- Com esse coração... *Siempre hay vida para todo!*
- Xa pasarei por aquí [...] Elígio a disposición.
- Adiós*, Elígio! Que traía moitas cousas o ano! Que traías? Traías gabardina?

Elígio diz que umas *antiguas* de vinho..., o que o anfitrião lhe agradece... E despois duvida... «–Pensei em traer, ainda que não a tomes, uma perdiz cozinhada por mim».

E é o momento em que Cunqueiro lhe responde:

- Podo tomala..., que teño aquí o papel do médico e dice: Carnes, todas. Volátiles, todos.

Essas expressões cerravam o círculo da personalidade de Álvaro Cunqueiro, como se pode observar. Quando muitos anos despois se ré-publicou esta entrevista em *Grial*, Víctor Freixanes empenhou-se em que esse devia ser o título: «Carnes todas, volátiles todas», pois tinha un valor xornalístico enorme. E assim foi.

E a seguir despide-se:

- Que os Reis sejam bos para todos...
- Moitas gracias! *Adiós*, Elígio! Carmo! Vaise Elígio.

Elígio foi-se e aínda continuamos a conversa, que acabou derivando em cousas de familia e de Mondonhedo.

- E a que hora te vas para a Coruña?
- Pois se podo colho o trem das sete.
- Que hora é?
- São as seis e vinte.

Desde a casa de Cunqueiro, na rua Marqués de Valladares, ouve-se a música da cabalgata de Reis que está a pasar nesse momento.

O segundo encontro, previsto para o Entroido, já não tería lugar.